

***El Puerto*, de José Leonilson: O Desamparo em Contexto de Epidemia do HIV**

Claudinei Rodrigues de Lima*

Orcid.org/0009-0004-5943-4855

Priscilla Melo Ribeiro de Lima

Orcid.org/0000-0003-2426-0715

*Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil*

Resumo

Este artigo analisa a obra *El puerto* (1992), de José Leonilson (1957-1993), à luz da noção freudiana do desamparo. Compreendemos que, especialmente em suas últimas obras, o artista traz à tona sua experiência diante de um contexto histórico e social marcado fortemente pela homofobia e pela epidemia do HIV. Para a análise, adotamos o modelo da *Tríplice Mimesis*, proposto por Paul Ricœur, o que nos permite entender a obra de Leonilson como uma narrativa/escrita de si. Utilizando essa metodologia, nossa pesquisa se desenvolve de forma encadeada: inicialmente, investigamos o contexto histórico em que o artista viveu e produziu a obra; em seguida, analisamos as configurações e estratégias narrativas presentes no *corpus* de análise; por fim, refletimos sobre como o reencontro da obra com o leitor/espectador contribui para pensar acerca do desamparo. Observamos que, cada vez mais, sua produção adquire um caráter autobiográfico, constituindo registros significativos de um período marcante, ao mesmo tempo em que se transforma em uma importante ferramenta para elaborar e compreender o tempo vivido e sua condição de desamparo.

Palavras-chave: Desamparo, HIV, José Leonilson, autobiografia, narrativa de si.

***El Puerto* by José Leonilson: Helplessness in the Context of the HIV Epidemic**

Abstract

This article analyzes the work *El Puerto* (1992) by José Leonilson (1957-1993) in light of Freud's notion of helplessness. We understand that, especially in his later works, the artist foregrounds his experience within a historical and social context strongly marked by homophobia and the HIV epidemic.

* Correspondência: Rua 206, n. 238-1, Q. 14, Lt. 9, Setor Leste Vila Nova, 74640-100, Goiânia – GO, Brasil.
Tel.: (62) 996225518. claus_rodrigues@discente.ufg.br

For our analysis, we adopt Paul Ricœur's *Triple Mimesis* model, which allows us to read Leonilson's work as a narrative/self-writing. Applying this methodology, our research unfolds in three linked stages: first, we investigate the historical context in which the artist lived and produced the work; next, we analyze the narrative configurations and strategies present in the corpus; finally, we reflect on how the work's encounter with the reader/viewer contributes to thinking about helplessness. We observe that, increasingly, his production acquires an autobiographical character, constituting significant records of a seminal period while also serving as an essential tool to elaborate and understand lived time and its condition of helplessness.

Keywords: Helplessness, HIV, José Leonilson, autobiography, self-narrative.

***El Puerto*, de José Leonilson: El Desamparo en el Contexto de la Epidemia de VIH**

Resumen

Este artículo analiza la obra *El puerto* (1992) de José Leonilson (1957-1993) a la luz de la noción freudiana de desamparo. Entendemos que, especialmente en sus últimos trabajos, el artista pone de relieve su experiencia en un contexto histórico y social marcado fuertemente por la homofobia y la epidemia de VIH. Para el análisis, adoptamos el modelo de la *Triple Mimesis* propuesto por Paul Ricœur, lo que nos permite comprender la obra de Leonilson como una narrativa/escritura de sí mismo. Aplicando esta metodología, nuestra investigación se desarrolla de forma secuencial: primero investigamos el contexto histórico en que el artista vivió y produjo la obra; luego analizamos las configuraciones y estrategias narrativas presentes en el corpus; por último, reflexionamos sobre cómo el reencuentro de la obra con el lector/espectador contribuye a pensar el desamparo. Observamos que, cada vez más, su producción adquiere un carácter autobiográfico, constituyendo registros significativos de un período destacado, al tiempo que se convierte en una herramienta clave para elaborar y comprender el tiempo vivido y su condición de desamparo.

Palabras clave: Desamparo, VIH, José Leonilson, autobiografía, narrativa de sí.

Compreendemos a produção artística de José Leonilson (1957-1993) como exemplar de um período fortemente marcado pela epidemia do HIV e pela homofobia. Mais do que documentos históricos, suas obras são expressões sobre questões frequentemente ignoradas ou minimizadas, ampliando a compreensão do passado e nos convidando a refletir sobre o presente. Neste artigo, à luz da noção freudiana de desamparo, direcionamos nossa análise à obra *El puerto* (1992; Figura 1), compreendida como uma escrita de si, em virtude de seu caráter autobiográfico.

A noção de desamparo assume diferentes contornos ao longo da obra freudiana. Em

seus escritos mais maduros, Freud (1930/2010) compreende o desamparo não apenas como uma fase do desenvolvimento, mas como uma condição permanente que acompanha a existência humana e impulsiona a busca por vínculos sociais. Ele descreve essa condição como a falta de garantias emocionais e psicológicas, evidenciada quando as ilusões protetivas se mostram insuficientes (Freud, 1930/2010). Ressalta ainda a insuficiência das normas que regulam as relações humanas – como aquelas criadas pela família, pelo Estado e pela sociedade –, já que as instituições não asseguram bem-estar e proteção para todos. No contexto brasileiro, essa insuficiência normativa agrava-se em face

de desigualdades históricas – fruto da escravidão e do racismo estrutural que marginalizam populações afrodescendentes; da expansão violenta sobre as terras indígenas e da persistente concentração fundiária no meio rural; do abismo socioeconômico que condena parcelas da população à pobreza e à precariedade urbana; das desigualdades de gênero que relegam mulheres a posições de maior vulnerabilidade social e violência; e das violações de direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT) por meio de preconceito e violência. Essas desigualdades resultaram na exclusão de determinados grupos sociais, seja afastando sua presença do olhar público ou por meio da violência explícita (Carreteiro, 2003).

A epidemia do HIV é um exemplo paradigmático desse processo de apagamento e exclusão. Durante as décadas de 1980 e 1990, construiu-se um conjunto de estigmas e preconceitos, associado a respostas públicas iniciais precárias em termos de prevenção e cuidado às pessoas que viviam com o vírus. Por longo período, o HIV esteve vinculado à moral dominante, heteronormativa e patriarcal, de modo que pessoas diagnosticadas eram classificadas socialmente como “impuras” e “indesejáveis”. A epidemia afetou sobretudo grupos já estigmatizados, como homossexuais, pessoas negras, transexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo, que sofreram ainda maior marginalização (Vázquez & Gomes, 2021).

É nesse horizonte que situamos a obra de Leonilson. Durante seus últimos anos de vida, o artista se viu diante de uma série de desafios pessoais e coletivos, desenvolvendo uma obra que se posiciona diante desse contexto de exclusão. A partir de sua produção artística, o artista busca fazer laço com o mundo, abordando questões relacionadas ao diagnóstico e o impacto dele em sua vida. Nesse cenário, a arte tornou-se um recurso fundamental para o artista enfrentar o seu próprio desamparo. A obra *El puerto* (1992), escolhida para nossa análise, reflete essa postura do artista.

A Compreensão Freudiana de Desamparo

A escolha pela obra de Leonilson deve-se, em parte, à possibilidade de investigar o desamparo a partir de uma situação concreta: viver com HIV em um contexto social e histórico específico. Ao mesmo tempo, o desamparo presente em sua vida e produção dialoga com o desamparo estrutural que atravessa a existência de todo ser humano. Assim, ao examinar a obra de Leonilson, abordamos também uma dimensão coletiva dessa condição, que marca a experiência humana em diferentes contextos.

A noção de desamparo, fundamental na obra freudiana, pode ser abordada sob duas perspectivas. A primeira refere-se à vivência infantil, em que o desamparo está fortemente vinculado à dependência da figura materna e à ameaça de sua perda (Freud, 1926/2010). A segunda diz respeito à ausência de garantias que acompanha a vida de modo geral, marcada pela renúncia pulsional necessária para o estabelecimento de vínculos sociais (Freud, 1930/2010). Essa noção será crucial para a compreensão freudiana do mal-estar na cultura.

Em *Totem e Tabu* (1913/2010), Freud aborda a passagem da humanidade da barbárie à civilização através do mito da Horda Primeva, relacionando-o às dinâmicas que envolvem o Complexo de Édipo. Em ambos os casos, o pai é, simultaneamente, uma figura de admiração e de medo. Na fantasia edipiana, a relação entre a criança e a mãe é tensionada pela presença do pai, que ameaça tomar a mãe para si. A criança, ao mesmo tempo que teme o pai, também confia a ele sua proteção. Para a criança, o outro assume o lugar ilusório de uma garantia face ao desamparo, embora esse papel venha com exigências. O mito da Horda Primeva exemplifica a fundação da sociedade e da cultura, a partir da idealização de um Grande Pai, que exerce um poder absoluto sobre as relações sexuais. Para os filhos, a única forma de acesso ao sexo seria assassinando o Pai e assumindo o seu lugar. Quando os filhos se unem para isso, surge um

novo problema: todos querem ocupar o seu lugar, mas ninguém consegue dominar o coletivo sozinho. A partir desse assassinato, instalam-se uma rivalidade e uma insegurança entre os irmãos, pois, com a morte do Pai, não há mais uma Lei para regular as relações. Para lidar com o caos e a luta incessante, são instituídas novas proibições, como o incesto e o parricídio, que se perpetuam como herança cultural. O Pai, então, permanece vivo no simbólico como um ideal de poder.

Essa tensão entre os filhos, marcada pela rivalidade e pela ausência de Lei após a morte do Pai, gera a necessidade de normas que assegurem a coesão social. Esse movimento em direção a uma estrutura normativa aproxima-se da reflexão de Freud em *O Futuro de Uma Ilusão* (1927/2021), em que ele analisa como as organizações sociais, as restrições morais e a religião surgem como tentativas de controlar o caos e estabelecer um pacto coletivo. Para Freud, a sociedade oferece proteção, mas exige a renúncia a uma parcela das pulsões. A religião, a arte e a ciência funcionam como compensações para os sofrimentos impostos pela vida em sociedade. Nesse horizonte, a religião surge como resposta à culpa coletiva pela morte do Pai, legitimando a vida social. O sujeito, em busca de proteção, cria deuses aos quais confia seu destino, mas que também teme, movimento análogo ao vivido no Complexo de Édipo. Essa dinâmica mostra como o desamparo infantil persiste, transformando-se na busca de um “Pai” mais poderoso.

Com as transformações históricas, não apenas a religião, mas também a ciência passou a oferecer alternativas para lidar com as dificuldades da vida social. Em *O Mal-estar na Civilização* (Freud, 1930/2010), o autor discute os efeitos da tradição ocidental e da influência crescente da ciência e do industrialismo a partir do século XVIII. Como observa Birman (2023), a sociedade progressista, baseada na ciência e na tecnologia, não cumpriu a promessa de felicidade ilimitada feita em seus primórdios. Para Freud (1930/2010), a civilização é produto da modernização e o conflito entre pulsões e exigências

sociais é estrutural e irreconciliável, mantendo o desamparo humano como um elemento permanente da vida individual e coletiva.

É importante, contudo, destacar que essa experiência não é homogênea: diferentes grupos sociais vivenciam o mal-estar de modo desigual. Rosa (2022) ressalta que, embora todos enfrentem restrições pulsionais em troca de proteção e pertencimento, há significativa disparidade entre grupos. Enquanto uma parcela da população, mais favorecida, recebe maior proteção, sofre menos restrições e experimenta menos sofrimentos, outra parte, muitas vezes marginalizada e explorada, experimenta uma proteção reduzida, maiores limitações e um sofrimento mais intenso. Isso se traduz numa desigualdade no sofrimento e no mal-estar. Essa disparidade evidencia como o desamparo, em sua forma mais extrema, se manifesta de maneiras distintas, dependendo da posição social do sujeito.

Essa análise é reforçada por Carreteiro (2003), que mostra como o contexto histórico brasileiro contribuiu para a marginalização e invisibilização de certos grupos sociais: “seja afastando a imagem de um indivíduo do campo visual, desligando a televisão ou até matando brutalmente alguém de uma classe social mais baixa” (p. 64). Esse processo de exclusão, de acordo com P. M. R. de Lima e Lima (2020), revela como a sociedade pode marginalizar determinados grupos e sujeitos, lançando-os em uma situação de desamparo extremo, em que as possibilidades de superação dessa condição se tornam muitas vezes escassas. Carreteiro (2003) observa ainda que esses sujeitos, muitas vezes, não encontram uma inscrição positivada em diferentes instituições, como educação, saúde e trabalho, as quais funcionam como estruturas de sentido. Assim, um investimento narcísico só é possível quando a rede social em que esses sujeitos estão inseridos consegue oferecer algum tipo de reconhecimento. O reconhecimento social é, portanto, condição fundamental para que possam encontrar um lugar de continuidade na sociedade. Do contrário, como afirma a autora: “não há mais, para essas pessoas, zonas de in-

clusão social que sejam portadoras de sentido ou que lhes favoreçam um sentimento de pertencimento na organização social” (Carreteiro, 2003, p. 58). Fala-se, assim, em um duplo desamparo: o sofrimento provocado pela exclusão, além de ser intensificado, permanece silenciado, restrito à subjetividade de cada um e sem possibilidade de compartilhamento.

Contexto Histórico da Epidemia do HIV no Brasil

As primeiras investigações sobre o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, termo utilizado no Brasil) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids, também derivada da sigla em inglês) começaram na década de 1980, com a sigla “AIDS” sendo utilizada pela primeira vez em 1982 pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) nos EUA. No Brasil, a epidemia de HIV teve início na década de 1980, mas os primeiros casos confirmados foram registrados apenas em 1982.

De acordo com Fernandes e Bruns (2021), nos primeiros anos, o HIV esteve vinculado a comportamentos considerados “desviantes”, como a homossexualidade. O estigma era exacerbado por termos como “peste gay” e “doença dos 5 H”, expressão temporariamente utilizada e que englobava Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, usuários de heroína injetável (Heroinômanos) e profissionais do sexo (*Hookers*, em inglês). Assim, a mídia e a sociedade reforçaram esses estigmas ao associar o HIV a seletos grupos, o que incluía componentes de gênero, sexualidade, raça e nacionalidade.

Em uma pesquisa sobre os processos de formação de identidade durante a epidemia do HIV, Valle (2002) observa que, desde 1984, várias revistas e jornais brasileiros passaram a noticiar a epidemia de forma constante. Dessa forma, ao associá-la fortemente com a homossexualidade, uma “identidade” foi atribuída ao HIV/aids. O preconceito histórico, que foi evidenciado pelo vírus, gerou pânico na sociedade, fazendo com que a homossexualidade fosse vista como uma

ameaça. Isso, além de estigmatizar os afetados, também gerava a ideia de que esses grupos eram responsáveis pela disseminação do vírus ou que outros grupos não poderiam ser afetados e, portanto, não precisavam se preocupar. Ainda de acordo com Valle (2002), a representação das pessoas vivendo com HIV passou de “vítima” a “aidético”, um termo que reforçava a ideia de uma identidade condenada pela moral social.

É importante destacar que, ao contrário de outras epidemias no Brasil, como a febre amarela (nos anos 1850 e 1870), a varíola (de 1834 a 1839) ou mesmo a gripe espanhola (de 1918 a 1919), a epidemia de HIV foi a primeira a ser amplamente divulgada e a receber grande atenção da mídia nacional. Isso, segundo Barata (2006), conectou o Brasil a redes internacionais de notícias, reforçando a sensação de vulnerabilidade e a rápida propagação da doença, contribuindo para a criação de estigmas e o fortalecimento de preconceitos.

A repercussão e os estigmas construídos em torno da epidemia geraram diversas nuances de violências. Um exemplo drástico disso foi a Operação Tarântula, nome dado à ação policial realizada em São Paulo em 1987 que tinha como objetivo “combater a aids”. Nela, pessoas transsexuais, especialmente travestis, eram perseguidas, e muitas delas “desapareciam”, em uma situação na qual o próprio Estado, a mídia e a população em geral legitimavam essa violência. De acordo com Cavalcanti e Barbosa (2018), em diversas ocasiões, essas pessoas eram submetidas a situações humilhantes e violentas, sendo presas de forma arbitrária sob a acusação de contágio venéreo.

Barata (2006) defende que a história de uma doença não se limita à sua descoberta, propagação ou aos métodos de controle ou cura, mas está profundamente conectada ao contexto social e ao significado atribuído a ela, podendo gerar diferentes consequências. A autora ressalta que “as doenças revelam muito sobre as crenças, costumes, identidades, organizações sociais e políticas, além da moral, e por isso sua compreensão tem sido ampliada para além da perspecti-

va médico-científica” (Barata, 2006, p. 25). Essa compreensão também é defendida por Sontag (1978/1984), na obra *Doença como Metáfora*, destacando a criação de várias metáforas sociais associadas às doenças, o que é claramente visível no caso do HIV/aids.

Entre as metáforas mencionadas por Sontag (1978/1984), e que se relaciona amplamente com a epidemia do HIV, está a metáfora da *peste*, onde as doenças são vistas pela sociedade como um “castigo divino” destinado a uma comunidade “pecadora”. Outra metáfora comum é a do *estrangeiro*, que atribui a origem do que é considerado prejudicial sempre ao “outro”, alimentando a xenofobia, o racismo e outros tipos de preconceito. Em ambos os casos, a falta de explicações científicas ou a difusão inadequada de informações corretas contribui para a criação de certas crenças. No entanto, o entendimento científico não garante que tais interpretações desapareçam por completo. Uma possível explicação para isso está no enraizamento do imaginário religioso nas sociedades ocidentais, a exemplo do que presenciamos no território brasileiro. Nessa perspectiva, para Barata (2006), embora haja explicações científicas que detalham o funcionamento da doença, continua existindo a necessidade de compreender o “porquê” dela ocorrer, mais do que o “como” ela se desenvolve, indo muitas vezes além do que a ciência pode explicar.

Ao mesmo tempo que tudo isso ocorria, a epidemia tornou a população LGBT mais visível, ao gerar uma maior discussão sobre suas necessidades e direitos e estimulando a criação de políticas públicas de saúde voltadas para essa população. De acordo com Marques (2002), a década de 1980 foi caracterizada pela descoberta do HIV e pelo desenvolvimento das primeiras abordagens para enfrentar a epidemia, enquanto na década de 1990 focou-se no aprimoramento dessas abordagens. Nesse cenário, é importante destacar os diversos movimentos sociais que contribuíram para que o Governo brasileiro desenvolvesse estratégias de controle, tratamento e prevenção de forma ampla; posteriormente, durante os anos 2000, grupos e ativistas do mo-

vimento LGBT passaram a pressionar o governo por programas que não se restringissem apenas ao HIV/aids. Nesse sentido, destaca-se o fortalecimento dos movimentos sociais nas décadas anteriores, que passaram a reivindicar, além das questões relacionadas à epidemia de HIV, o direito à saúde e à cidadania da população LGBT.

Percurso Metodológico

Este estudo, de caráter qualitativo, trabalhou com as narrativas de vida como uma alternativa metodológica. Conforme aponta P. M. R. de Lima (2013), essa metodologia pode ser aplicada de várias formas, como por meio de entrevistas narrativas, filmes biográficos, relatos orais ou textos autobiográficos, permitindo uma compreensão mais profunda de processos históricos vividos ao longo de uma vida ou de uma parte dela. Nesta pesquisa, nos concentramos na narrativa extraída da produção artística, de um recorte específico da vida de José Leonilson. Acreditamos que, ao retratar episódios da vida, uma obra pode ser incorporada em uma pesquisa com esta metodologia. No caso de Leonilson, sua obra – sobretudo em seus últimos anos de vida – assume contornos autobiográficos evidentes, funcionando como uma espécie de escrita de si, na qual temas como doença, sexualidade, afetos, morte e angústia são narrados por meio de imagens, bordados e anotações gráficas. Assim, a produção artística torna-se não apenas um registro estético, mas também uma narrativa de experiência pessoal, que possibilita o acesso a sentidos subjetivos e sociais daquele contexto histórico. Utilizar a obra de arte como narrativa de vida permite, portanto, que a pesquisa dialogue com dimensões íntimas e coletivas da existência, ressignificando a obra como testemunho de um tempo, de um sujeito e de uma condição de desamparo.

Adotamos, para esta pesquisa, a estrutura da *Triplíce Mimesis*, proposta por Ricœur (1983/2010), que concebe a narrativa como o desenvolvimento de uma trama. Nessa perspectiva, de um lado, temos o ato temporal, ligado ao contexto histórico, e, de outro, o narrar, isto é, a

história contada pelo sujeito, que cria um novo tempo. Entre esses dois elementos, existe uma mediação, que pode ser vista como o tempo dedicado à construção da trama. Com base nesse conceito, organizamos a análise das obras em três etapas.

Iniciamos com a compreensão de que a construção da trama parte de algo previamente estabelecido no mundo. Assim, neste momento (*Mimese I*), refletimos sobre a realidade na qual a narrativa ou obra foi concebida, fazendo uma imersão no tempo do artista. Na segunda etapa (*Mimese II*), a análise se concentra em como os eventos individuais (a trama) se conectam com a história como um todo. Segundo Ricœur (2010/1983, p. 103), “uma história [...] deve ser mais que uma enumeração de eventos numa ordem serial, deve organizá-los numa totalidade inteligível, de tal sorte que se possa sempre indagar qual é o ‘tema’ da história”. É a trama que organiza os eventos dentro de uma história. Por último (*Mimese III*), nossa atenção se voltará para a forma como a narrativa da obra pode contribuir para a reflexão sobre o tema do desamparo, questão central deste estudo. Compreendemos que, embora a obra diga algo sobre a singularidade do artista, a qual não deve ser deixada de lado, o que está em análise nesta pesquisa não é propriamente o artista, mas sim sua obra, a qual expressa elementos da cultura que reflete o período em que surgiu, as circunstâncias, os valores e os ideais da sua época, além de ser um objeto que continua a questionar o presente.

El Puerto: O Desamparo em Questão

José Leonilson Bezerra Dias, mais conhecido como Leonilson, nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1957, e mudou-se para São Paulo com sua família em 1961. Em 1977, iniciou seus estudos na Faculdade de Belas Artes e, na segunda metade do ano, se transferiu para a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), mas abandonou o curso de Licenciatura em Educação Artística em 1980. Foi nesse período

que passou a se dedicar de forma mais intensa à pintura e ao desenho, além de frequentar o Centro de Estudos Aster. Sua arte logo o fez ganhar destaque, tanto no Brasil quanto internacionalmente, incluindo uma passagem breve pela Europa. Em São Paulo, Leonilson conseguiu estabelecer importantes conexões no meio artístico e permaneceu até o final de sua vida. Além da pintura e do desenho, Leonilson trabalhou com a escultura e a instalação. Também se interessou pela costura e pelo bordado, por meio dos quais ficou amplamente conhecido no circuito artístico da época. Após sua morte, em 1993, o Projeto Leonilson foi fundado por amigos e familiares para preservar e promover seu legado artístico, tornando-se um centro de referência para sua produção.

Lagnado (1995/2019a) divide a obra do artista em três núcleos formativos principais: o período conhecido como “prazer da pintura” (1983-1988), em que o artista busca definir sua estética; seguido por uma fase marcada pela exploração de temas como o abandono e os valores românticos, denominada “anotações de viagens” (1989-1991); e, por fim, o período em que aborda o diagnóstico do HIV, intitulado “alegoria da doença”, que permeia os últimos dois anos de sua vida (1991-1993). Em 1991, Leonilson foi diagnosticado com HIV. O diagnóstico teve um impacto profundo em sua vida e influenciou consideravelmente sua produção artística. A partir desse momento, o artista passou a incorporar ainda mais suas experiências pessoais em seus trabalhos. De 1991 até sua morte, em 1993, Leonilson se concentrou em explorar temas ligados à sua vivência com o HIV assim como questões relacionadas à sua sexualidade de forma mais explícita. Assim, suas obras e relatos pessoais também fornecem uma visão sobre o que significava ser homossexual em uma época marcada por medo, insegurança e preconceito (C. R. de Lima, 2025).

É desse terceiro período a obra escolhida para nossa análise, na qual Leonilson faz referência clara ao desamparo diante do diagnóstico. A obra *El puerto* (Figura 1) apresenta um espelho simples, com uma moldura laranja, sobre

a qual repousa uma cortina de tecido listrado em branco e verde-claro, costurada e bordada à mão. O tecido é fixado à moldura com dois pregos nos cantos superiores e apresenta bordados em linha preta com as inscrições: “Leo, 35, 60, 179, El puerto”. As inscrições estão dispostas em formato de lista, uma abaixo da outra, com um delicado contorno em linha azul. Um traçado similar também aparece na parte superior do tecido, conectando as extremidades e segurando o cordão que sustenta a cortina, assemelhando-se à barra de uma cortina tradicional. Embora a cortina cubra grande parte do espelho, as bordas da moldura permanecem visíveis, o que leva o espectador a inferir o conteúdo encoberto.

Para Lagnado (1995/2019a), a obra enfatiza um vazio, simbolizando a presença e ausência do artista e refletindo as incertezas da sociedade da época, marcada por avanços científicos ao mesmo tempo em que enfrentava a impotência da medicina frente à epidemia do HIV. Em entrevista com a autora (Lagnado, 1995/2019b, pp. 97–98), Leonilson revela o significado das inscrições bordadas: “É minha idade, meu peso, minha altura”. É uma obra que se relaciona diretamente com esse momento pós-diagnóstico.

A escolha do espelho como suporte é profundamente significativa. Mais do que elemento decorativo ou funcional, o espelho opera aqui como dispositivo de confronto e desamparo. Se a imagem refletida permite, em condições ordinárias, a construção de uma identidade imagética, em *El puerto* ela é velada por uma cortina de tecido. Esse tecido não é neutro: remete diretamente aos materiais utilizados em hospitais – lençóis, camisolas de internação, cortinas que separam leitos – e inscreve sobre a obra a atmosfera de medicalização do corpo e isolamento social que acompanhou os últimos anos de Leonilson. É possível compreender, portanto, que a cortina não apenas oculta a imagem, mas também evoca o ambiente hospitalar e a condição de um corpo fragilizado e controlado, submetido à vigilância clínica e à exclusão social.

Essa associação entre o tecido e o espaço hospitalar evidencia como, na experiência de Leonilson, a doença não atinge apenas o corpo

físico, mas também a imagem e a identidade social. A materialidade da obra comunica a transformação de um corpo saudável em um corpo marcado pela doença, pelo risco e pelo medo coletivo. Nesse sentido, *El puerto* pode ser lido como uma metáfora da angústia frente ao esfacelamento do corpo e ao desaparecimento progressivo de si mesmo no reflexo que o espelho – aqui ocultado – poderia revelar.

Além disso, ao oferecer ao espectador a possibilidade de levantar a cortina e se ver refletido no espelho, a obra desloca o eixo da narrativa autobiográfica para uma experiência universal de desamparo. Como observa D’Ávila (2014), o espelho funciona como um véu que tanto revela quanto oculta, convocando aquele que olha a confrontar sua própria vulnerabilidade e finitude. A interação íntima e solitária exigida pelo pequeno formato do espelho intensifica esse efeito, propondo uma experiência de encontro consigo mesmo e, ao mesmo tempo, com a fragilidade humana diante do adoecimento, da morte e da impossibilidade de garantir a permanência de qualquer imagem ou identidade estável.

Embora *El puerto* possa ser interpretado como um “autorretrato” simbólico do artista, não há uma representação direta de sua imagem. O espelho transcende seu papel de auto-reconhecimento, refletindo a transformação de Leonilson pela doença. Leonilson, de fato, revelaria uma certa aversão ao espelho, pois em uma entrevista disse: “Nunca me olhei no espelho. . . . Eu não levanto a cortininha. Fico contente que o espelho seja coberto” (Lagnado, 1995/2019b, p. 101). Se Leonilson já não gostava de se olhar no espelho quando estava saudável, é improvável que fosse confortável vê-lo refletir sua imagem debilitada pela doença. Ao mesmo tempo, aos sujeitos saudáveis que se deparam com a obra, ele também provoca uma reflexão universal sobre a condição humana e a vulnerabilidade.

Para o artista, na falta de uma verdade absoluta, os números funcionam como sinais de uma verdade sobre o sujeito: “Sempre fui ruim em matemática, mas tinha uma atração por números, pois são elementos gráficos. Às vezes,

eles expressam uma verdade que pertence ao sujeito, como a idade, peso ou altura” (Lagnado, 1995/2019b, p. 110). No caso de *El puerto*, os números não são apenas dados pessoais, mas sinais de seu tempo, pois representam uma fase específica da vida de Leonilson, marcada pelo adoecimento. De acordo com D’Ávila (2014), contabilizar o tempo que se esvai passa a ser uma parte da rotina do artista, cujo futuro é imprevisível, e a cada novo dia, um dia a menos se soma à sua contagem. Os números funcionam como uma assinatura do artista, que cria peças que podem ser vistas como relicários de sua própria existência.

Resende (2012) vê a obra como uma representação das energias trocadas entre o artista e seus amigos. O porto na obra deixa de ser um lugar físico e se transforma em um espaço intangível. Leonilson, ao refletir sobre a obra, explicou:

Usei a palavra “porto” por causa da receptividade. O porto recebe. O Leo com 35 anos, 60 quilos e 1,79 metro é um porto que fica recebendo. Acho que recebo muito mais do que dou, porque preciso canalizar minhas energias para minha intimidade. (Lagnado, 1995/2019b, pp. 98–99)

Para Leonilson, o HIV trouxe o isolamento. As interações, embora desejadas, tornaram-se arriscadas, pois Leonilson já não podia se doar tanto nas relações como podia antes (Resende, 2012).

Assim, ao transformar seus trabalhos em registros autobiográficos e objetos de reflexão coletiva, Leonilson constrói uma narrativa de vida que ultrapassa os limites do autorretrato tradicional. Sua obra convida à reflexão sobre o desamparo não apenas como experiência individual, mas como condição socialmente produzida, agravada por desigualdades históricas e por estruturas que desumanizam sujeitos adoecidos, dissidentes e marginalizados. *El puerto*, nesse sentido, não é apenas memória de um artista que enfrentou o HIV, mas um documento sensível e poético sobre a angústia, a alteridade e o que sig-

nifica continuar existindo face ao esfacelamento de si e dos outros.

Considerações Finais

A obra *El puerto* de José Leonilson, analisada aqui à luz da teoria freudiana do desamparo, revela a complexidade das questões vividas pelo artista durante o período em que convivia com o HIV. Sua obra, profundamente marcada pela experiência de exclusão e vulnerabilidade, é compreendida nesta pesquisa como meio de resistência e reflexão, transformando-se em um modo de conexão com o mundo, mesmo diante de um contexto histórico marcado pela discriminação e pelo medo da epidemia.

Ao relacionar essa obra com o conceito freudiano de desamparo, podemos entender como Leonilson, ao enfrentar uma doença estigmatizada e a marginalização de sua identidade, dá voz a uma forma de sofrimento compartilhado, que transcende sua própria vivência e dialoga com as adversidades enfrentadas por diversos grupos sociais marginalizados. Ao fazer isso, questiona os limites da sua própria vida e os limites das relações sociais, especialmente em tempos de exclusão e estigmatização.

Nesse sentido, *El puerto* reflete a luta do artista contra o isolamento físico e emocional e propõe uma reflexão sobre a condição humana, a efemeridade da existência e a necessidade do cuidado e do acolhimento. A obra de Leonilson, portanto, se insere como um poderoso testemunho da arte como resistência, permanecendo como uma contribuição essencial para a compreensão da arte contemporânea no Brasil, capaz de iluminar não só a experiência individual de Leonilson, como também as transformações culturais e sociais de uma época marcada pela crise do HIV e pelos desafios do desamparo humano.

Contribuição dos autores:

Claudinei Rodrigues de Lima: responsável pela concepção e delineamento do estudo, revi-

são bibliográfica, análise de conteúdo, redação do artigo e revisão final.

Priscilla Melo Ribeiro de Lima: responsável pela orientação teórica e metodológica; acompanhamento na revisão bibliográfica, estruturação e redação; correção, padronização e revisão final, assegurando coesão, coerência e conformidade às normas acadêmicas.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Barata, G. F. (2006). *A primeira década da aids no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.
- Birman, J. (2023). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (18. ed.). Civilização Brasileira.
- Carreiro, T. C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*, 14(3), 57–72. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300006>
- Cavalcanti, C., & Barbosa, R. B. (2018). Os tentáculos da tarântula: Abjeção e necropolítica em operações policiais a travestis no Brasil pós-redemocratização. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 175–191. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>
- D'Ávila, C. M. G. (2014). *Presente ausência: Escrevendo o corpo com Leonilson* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. PPGCA/UFF. <https://www.artes.uff.br/dissertacoes/2014/2014-caroline-davila.pdf>
- Fernandes, I., & Bruns, M. A. T. (2021). Revisão sistematizada da literatura científica nacional acerca da história do HIV/aids. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 31(1), 60–67. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i1.916>
- Freud, S. (2010). Totem e tabu: Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) In *Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 11, Obras Completas). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (2010). *Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos (1925-1927)* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 17, Obras Completas). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926)
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 18, Obras Completas). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2021). *O futuro de uma ilusão* (M. Moraes, Trad.; Obras incompletas de Sigmund Freud). Autêntica. (Obra original publicada em 1927)
- Lagnado, L. (2019a). O pescador de palavras. In L. Lagnado, *Leonilson: São tantas as verdades* (pp. 27–76). Projeto Leonilson. (Obra original publicada em 1995)
- Lagnado, L. (2019b). A dimensão da fala. In L. Lagnado, *Leonilson: São tantas as verdades* (pp. 77–137). Projeto Leonilson. (Obra original publicada em 1995)
- Lima, C. R. de (2025). “Oceano, aceita-me?”: O desamparo na obra autobiográfica de José Leonilson [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório BC UFG.
- Lima, P. M. R. de (2013). *Tempus fugit... carpe diem: Poiesis, velhice e psicanálise* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório da UnB.
- Lima, P. M. R. de, & Lima, S. C. (2020). Psicanálise crítica: A escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1–15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003190256>
- Marques, M. (2002). Saúde e poder: A emergência política da Aids/HIV no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 9(supl.), 41–65. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000400003>
- Resende, R. (2012). Em busca de comunicação. In C. Cassundé, R. Resende, & M. Maciel (Orgs.), *Leonilson: Sob o peso dos meus amores* (pp. 11–27). Fundação Iberê Camargo.
- Ricœur, P. (2010). A tríplice mimesis. In P. Ricœur, *Tempo e narrativa* (C. Berliner, Trad.; Vol. 1,

A intriga e a narrativa histórica, cap. 3, pp. 93–155). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1983)

Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, 1–10. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242179>

Sontag, S. (1984). *Doença como metáfora* (M. Ramalho, Trad.). Edições Graal. (Obra original publicada em 1978)

Valle, C. G. (2002). Identidades, doença e organização social: Um estudo das “pessoas vivendo com HIV e aids”. *Horizontes Antropológicos*,

8(17), 179–210. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000100010>

Vázquez, G. G. H., & Gomes, F. R. H. (2021). Da “doença misteriosa dos homossexuais” à aids: Notas sobre aids na Revista Manchete – década de 1980. *Revista NUPEM*, 13(30), 26–45. <https://doi.org/10.33871/nupem.2021.13.30.26-45>

Editora Associada: Vaneila Moraes Ferreira Martins

Recebido: 21/05/2025
1ª revisão: 19/09/2025
Aceite final: 02/10/2025

Anexo

Figura 1
El Puerto (1992)



Nota. Leonilson, J. (1992). *El puerto* [Objeto; linha sobre tecido de algodão listrado, prego, fio de cobre e tinta acrílica sobre moldura de espelho; 23 x 16 x 2,5 cm]. Coleção particular, São Paulo, Brasil. Fotografia de E. Fraipont. Arquivo pessoal Projeto Leonilson.

Apêndice

Sugestão de Leituras

Figura 2

Sugestões de Leituras Complementares sobre Sofrimento Psíquico, Arte e Narrativa

Lima, P. M. R., & Lima, S. C. (2020). Psicanálise crítica: A escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 40, 1–15. https://doi.org/10.1590/1982-3703003190256	Discute o sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas a partir de uma perspectiva psicanalítica crítica.
Lagnado, L. (2019a). O pescador de palavras. In L. Lagnado, <i>Leonilson: São tantas as verdades</i> (pp. 27–76). Projeto Leonilson. (Obra original publicada em 1995)	Apresenta a trajetória artística de José Leonilson, com ênfase em sua produção autobiográfica.
Ricœur, P. (2010). A tríplice mimesis. In P. Ricœur, <i>Tempo e narrativa</i> (C. Berliner, Trad.; Vol. 1, A intriga e a narrativa histórica, cap. 3, pp. 93–155). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1983)	Obra que aborda a metodologia adotada, importante para compreender a narrativa de vida como objeto de investigação.



O(s) autor(es), 2026. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.